

UMA SEMANA DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO A JOVEM LITERATURA BRASILEIRA

Serge Milliet

Na preparação modernista para a Semana de Arte Moderna de 1922, muitas vezes nos esquecemos da importante contribuição, em termos de informação/formação, devida ao grupo de escritores e artistas plásticos que retornou de Genebra no imediato pós-guerra: Rubens Borba de Moraes, Antônio Gomide, Regina Gomide, John Graz, o futuro cineasta Alberto Cavalcanti - e Sérgio Milliet. Deve-se destacar o papel de elo de ligação entre modernistas brasileiros e inovadores europeus exercido, com constância e de forma consciente, por Sérgio Milliet (1898-1966), sobretudo entre os anos de 1922 e 1925. Foi uma atividade de mão dupla: chegando nas vésperas da Semana de Arte Moderna, Milliet divulgou entre os companheiros de São Paulo as novas tendências européias que conhecera, os artistas que o influenciaram, ao mesmo tempo em que difundia a produção modernista brasileira em periódicos de vários países da Europa. Um caso, o destes dois artigos que publicou em 1922 na revista belga *Lumière*.

Sérgio Milliet vivera mais de oito anos na Suíça, encruzilhada cultural que, na época da guerra, abrigava intelectuais e artistas dos dois lados em conflito - o que lhe possibilitou conhecer tanto as vanguardas francesas quanto as de língua alemã. Em Genebra, realizara seus estudos superiores e iniciara-se na literatura, tornando-se o poeta de língua francesa SERGE MILLIET. Dentre as amizades e os conhecimentos desenvolvidos naquela cidade, -e que importam em sua formação e em sua atividade de divulgador do modernismo brasileiro na Europa e de grupos europeus em São Paulo -, destaca-se o círculo em torno do periódico pacifista *Le Carmel* (1916-1918), dirigido por Charles Baudouin e Henri Mugnier. Colaborando na revista e freqüentando as reuniões de seus diretores, Sérgio Milliet conheceu, por exemplo, escritores como Romain Rolland, Verhaeren, Ivan Goll, artistas como Frans Masereel e Hodler - todos estes deixando funda impressão no brasileiro e sempre citados por ele. Charles Baudouin tornou-se referência importante para Milliet, enquanto Henri Mugnier chegou a acompanhá-lo na vinda a São Paulo, tendo presenciado a Semana de Arte Moderna e publicado alguns artigos sobre os modernistas.

Em São Paulo, Sérgio Milliet conheceu o grupo modernista em formação e acompanhou as polêmicas para a implantação do novo credo. Participou da Semana de Arte Moderna e da revista *Klaxon* (1922-1923), permanecendo na cidade por todo 1922. Neste ano, já o vemos desempenhando ativamente seu papel na aproximação das vanguardas européias e modernistas brasileiros. De um lado, aparecem em *Klaxon* colaborações dos escritores outrora ligados a *Le Carmel*, aos quais se acrescentam outros vindos de uma revista belga fundada no pós-guerra, *Lumière* (1919-1923), dirigida por Roger Avermaete. De outro lado, em *Lumière* são publicadas colaborações dos modernistas brasileiros, enviadas por Sérgio Milliet, representante daquela revista no Brasil.

Retornando à Europa em 1923, Milliet trabalhou na Bélgica e em Paris, ampliando seus contatos com integrantes da vanguarda (agora muitas vezes acompanhado por Oswald de Andrade).

Depois de pequena estada em São Paulo no início de 1924, permaneceu em Paris até 1925, empenhado no mesmo afã de estabelecer intercâmbio entre os europeus e os brasileiros. Enviava notícias para os amigos em São Paulo, colocando-os em contato com artistas e escritores franceses, além de remeter "*cartas*" sobre o movimento artístico de Paris para revistas como *Ariel* e *Revista do Brasil*. Ao mesmo tempo, continuou a divulgar os modernistas brasileiros na Europa: traduzia para o francês poesias do grupo, escrevia sobre a produção dos modernistas, publicando-a em revistas como a *Revue de l'Amérique Latine*.

A ligação de Sérgio Milliet com a revista *Lumière*, editada em Anvers, Bélgica, ainda fruto de suas amizades genebrinas - Charles Baudouin o teria apresentado a Roger Avernaete -, prosseguiu em 1923, pois é a editora daquele periódico que publica seu livro *Oeil de boeuf*. Durante o ano de 1922, Milliet divulgou em *Lumière* poemas de Guilherme de Almeida e de Mário de Andrade, vertidas por ele para o francês, e também os dois artigos aqui transcritos. O conjunto desses dois textos sobre o modernismo em 1922 tornou-se, 70 anos depois da Semana e de sua publicação, documento duplamente importante. Dá-nos notícias sobre os acontecimentos e a produção daquele ano, ao mesmo tempo em que revela a visão pessoal de Sérgio Milliet sobre os modernistas na época da Semana. O primeiro artigo - Une semaine d'art moderne à São Paulo, publicado em *Lumière* de 15 de abril - foi certamente redigido no calor das manifestações da Semana de Arte Moderna: o escritor está eufórico ao descrever os acontecimentos no Teatro Municipal, ao narrar o clima dos festivais, ao falar da música e ao examinar a exposição de artes plásticas. Aliás, esta é uma das raras referências diretas às obras de arte expostas no saguão do Teatro. O segundo artigo - La jeune littérature brésilienne, publicado no número de 1º de novembro - trata somente da literatura e foi escrito provavelmente pouco tempo depois do anterior (Milliet ainda não cita *Klaxon*, cujo primeiro número saiu em maio): o início também é eufórico, lembrando a Semana, mas logo o autor contém seu entusiasmo e analisa os escritores modernistas por ordem alfabética... Ambos, redigidos em forma de carta - hábito que o autor preservou em seus textos de divulgação do movimento europeu no Brasil -, ainda vêm assinados pelo poeta de língua francesa "Serge Milliet", condição que só começaria a abandonar em 1923 em Paris, por instância dos brasileiros.

Os dois textos permanecem bastante desconhecidos. Cecília de Lara refere-se a eles, resumindo seu conteúdo, ao estudar as relações entre as revistas *Klaxon* e *Lumière* (*Caravelle, Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 25, 1975, p.77-102). O primeiro, foi traduzido e divulgado em São Paulo, há dez anos, por Walter Zanini (Suplemento *Cultura de O Estado de S. Paulo*, 14 fev. 1982). O segundo, ao que conhecemos, nunca mereceu reprodução e/ou tradução de publicações brasileiras. Assim, acreditamos útil recuperar estes significativos documentos de 1922, divulgando-os. No segundo artigo, abstinemo-nos de traduzir os versos citados por Milliet (a tradução da versão francesa não nos devolveria a forma original dos poemas utilizados pelo autor); quanto ao trecho do discurso de Graça Aranha, aí transcrito, cotejamos a tradução com o texto publicado nos jornais em 1922 (*O Estado de S. Paulo*, 14 fev.).

Marta Rossetti Batista

Lumière ano 3, n.7. Anvers, 15 abr. 1922, s.p.
seção "*Les Arts Plastiques*"

Uma semana de arte moderna em São Paulo

Marthe, minha amiga, não sei se você se lembra das palavras cruéis que eu disse outrora sobre a arte brasileira, ainda no ano passado, e sobre nossos artistas, sua prudência, sua frivolidade.

Hoje sou obrigado a me desmentir, a abandoná-las. Eu me incluo no batalhão dos que ainda creem na banalidade dos provérbios, pois acabo de me assegurar da verdade de um deles.

Os dias se sucedem... La Palisse não teria dito melhor esta imensa verdade, mas, querida alma, é preciso meditar, de tempos em tempos, sobre esta verdade conhecida.

Há apenas um ano, em São Paulo, alguns artistas trabalhavam na calma dos ateliês e dos quartos isolados, conscientes de seu valor mas certos de serem esmagados pelo número de seus adversários no dia em que ousassem aparecer.

Alguns artistas!

E eis que, de repente, esses artistas fazem um apelo aos outros desconhecidos do Brasil que, a poder de coragem e de perseverança, conseguem esta coisa surpreendente: dar a São Paulo, a cidade do café, a cidade *nouveau riche*, noites de arte moderna.

E todas as artes aí estão representadas, Marthe, escultura, pintura, música, literatura e até a arquitetura.

Ah! minha amiga, esse país é extraordinário, as artes se desenvolvem com o mesmo vigor e a mesma rapidez que as grandes árvores de troncos torcidos das florestas virgens. E quanto bem ainda lhe diria se não quisesse passar rapidamente em revista esta esplêndida manifestação.

* * *

Dizer-lhe que o público aceitou as teorias que você conhece sobre a pintura, a poesia e a música seria falso. Ele vaiou e, mais ainda, cantou, urrou, manifestou-se ao longo de toda a noite. Os estudantes comprimidos nas galerias do grande teatro freqüentemente impediram a platéia de ouvir. Mas é preciso dizer também que esta concordava quase sempre tacitamente com as insanidades que a falange acadêmica despejava. E foi lá que se viu homens como Mário de Andrade, Ronald de Carvalho e outros distinguir-se por sua coragem calma e sua fé.

Foi uma espécie de *première* de *Hernani* brilhantemente apresentada. Mário de Andrade, o poeta da *Paulicéia desvairada*, e Ronald de Carvalho, o autor de *Epigramas*, foram sublimes. O primeiro com sua bela cabeça de apóstolo imberbe, grande e alongado, óculos redondos e crânio calvo, explicando, sob os assovios e os sarcasmos, as teorias da arte moderna e afirmando com voz forte no meio das vaías "*os velhos morrerão, senhores*"; o segundo respondendo com espírito e polidês, como aristocrata do pensamento, às zombarias da assistência.

* * *

Penetremos juntos no hall do Grande Teatro e admiremos um pouco esta exposição.

Eis, da esquerda para a direita, **John Graz**, ex-discípulo de Hodler, que nos apresenta telas de um colorido vigoroso e de um simbolismo místico simples, duro e ingênuo. *A descida da cruz* é o melhor exemplo. Nas paisagens e nas naturezas-mortas esta mesma rudeza de expressão que é um dos princípios de Hodler. *Paisagem de Espanha* é uma bela tela.

Zina Aita, do Rio de Janeiro, mais bizarra que original, amando sobretudo a cor e moderna sobretudo nisso, pois ela conservou um certo realismo no desenho que não é de bom quilate.

Algumas telas rebuscadas de interpretação não me fazem mudar de opinião.

Anita Malfatti, vigorosa e ousada, e inteligente. *O homem amarelo*, *O*

japones, *Paisagens à beira mar* são puras obras-primas. Seu desenho concentrado e seu colorido sóbrio fazem-na o melhor pintor da exposição.

Citemos ainda da mesma artista alguns retratos interessantes e uma *Índia*, produção recente que marca a evolução definitiva de Anita Malfatti para a pintura de interpretação sintética.

Di Cavalcanti, do Rio de Janeiro, cujas últimas obras são muito pessoais e modernas e lembram um pouco o método empregado por Frans Masereel em *Souvenirs de Londres* (Masereel que ele entretanto não conhecia antes de minha chegada), errou ao expor telas antigas. É certo que gosto delas assim mesmo, mas há entre elas duas ou três que pertencem à velha pintura, claros-escuros e telas mais ou menos impressionistas seja pela fatura, seja pela própria interpretação do tema.

Pode-se ainda apreciar seu talento de ilustrador em alguns desenhos de um belo movimento.

Rego Monteiro, do Rio, também apresenta várias telas que podem ser divididas em dois grupos. Aquele das telas impressionistas e mesmo pontilhistas, entre as quais é preciso notar o *Baile no Assyrio* que interpreta o movimento de uma ronda de máscaras volteando sob as serpentinas e os confetes. Um turbilhão de cores cujo centro é o ponto luminoso. E aquele das telas cubistas, que marca a evolução do pintor em direção à pintura intelectual.

Ferrignac com um só quadro, uma natureza-morta dadaísta. É a extrema esquerda do movimento paulista.

* * *

A escultura admiravelmente representada pelo gênio de **Brecheret**, cujo estilo lembra Mestrovic, dava-nos a ocasião de apreciar as estatuetas de **Haarberg**, um escultor bastante jovem e a quem não falta talento.

Brecheret se revela um grande escultor, um gênio da raça latina, digno de suceder a Rodin e a Bouraine, e também um admirável poeta por sua extraordinária imaginação. Marthe, gostaria de lhe mostrar seu *Monumento das Bandeiras* que é, por assim dizer, a epopéia da arte brasileira e o mais belo canto de sua poesia. É o quadro poderoso da conquista do Brasil pelo povo aventureiro dos paulistas, a procura do ouro e dos escravos indígenas, a ambição desmesurada e nostálgica dos descendentes dos gloriosos portugueses da grande época, a necessidade de conquista e de dominação. Imagine você, para traduzir esta grande idéia um impulso formidável de corpos torcidos, de músculos, de sofrimentos, de desesperos e de entusiasmos através da floresta virgem, apesar das febres e das guerras e da natureza hostil. Tudo isso sem uma frase, sem um artifício, sem uma imagem envelhecida. Imagine isso e você terá uma idéia da arte de **Brecheret**.

Em arquitetura pudemos admirar os templos de **Moya** e as casas de campo de **Przyrembel**.

* * *

Você já ouviu falar de **Villa Lobos**, minha amiga, pois ele fez executar suas obras em Paris com sucesso (ver *Nouvelle Revue Française*). É um compositor vagamente ligado ao grupo dos "seis" e, entretanto, ainda com um

não sei quê de Debussy, mas o maior músico do Brasil assim mesmo. Naturalmente ele era ainda completamente desconhecido no país dos cafeeiros.

Muito bem executadas, suas obras obtiveram uma consagração definitiva da elite e foram copiosamente vaiadas pela maioria do público.

A notar seu *Trio* (1916) cujo andante é muito pessoal, as *Danças africanas* (Kankukus e Kankikis) e o *Terceiro Quarteto* (instrumentos de corda - 1916) cujo *scherzo* satírico (pipocas e potocas) é uma pequena maravilha de verve e o adágio uma bela peça.

A música de Villa Lobos é uma das mais perfeitas manifestações da alma brasileira. Feita de melancolia e de humor, ela traduz o que caracteriza este povo jovem saído de um povo triste. A linha melódica, infinitamente variada, derrotou o público. Villa Lobos não desenvolve uma frase. Ele sintetiza e seu espírito plana sobre o mundo das sensações que ele exprime à maneira de um Masereel em pintura.

O público, hostil e refratário, diante da calma olímpica dos artistas sentiu-se, perto do final, petrificado.

Eis, minha amiga, uma carta um pouco longa. Não quero mais reter sua atenção hoje. Assim, só lhe falarei da jovem e vigorosa literatura brasileira em minha próxima carta.

Beijo-lhe ternamente os dedos.

Serge Milliet

Lumière, ano 4, n.1. Anvers, 1. nov. 1922, s.p.

A jovem literatura brasileira

Marthe, minha amiga, contei-lhe em minha última carta sobre a pintura, a escultura e a música brasileiras; sobre os jovens que as representam e sobre a famosa noite no Grande Teatro onde nós alcançamos (nós os modernos) uma vitória difícil sobre um público hostil. Quero, hoje, dizer-lhe algumas palavras a respeito dos literatos.

* * *

Você se lembra do verso famoso de Hugo, em *Hernani*, que desencadeou o furor e a ironia dos acadêmicos?

Pois bem, quando Mário de Andrade recitou seu "Domingo" e, falando dos "flirts" numa igreja de São Paulo, ele disse:

"Regards acrobatiques et sacrilèges picturaux"

tive a impressão de viver a famosa noite. Lembrei-me das páginas conhecidas de Gautier e comparei-as àquelas, mais vivas, que eu tinha sob os olhos. Era épico, como se diz.

Mas me deixo prender por um entusiasmo que quero reprimir ao longo

desta missiva. E talvez, para me frear, valha mais proceder por ordem alfabética, que é o melhor meio de cortar rápido esta verve nascente.

Creio já ter citado para você **Oswaldo de Andrade**: é um romancista. Mas é sobretudo um poeta. Uma imaginação amazônica que do romance faz um poema, transformando os mínimos feitos psicológicos em verdadeiras tragédias íntimas. Descrições novas, quentes, bizarras, efervescentes; paisagens brasileiras; e um estilo que contrasta com essa imaginação tropical por sua concisão e por sua adjetivação sugestiva.

Sua grande obra, que se intitula *A trilogia do exílio*, parece-me entretanto um pouco inspirada em Romain Rolland. E isto não tanto devido ao assunto (a vida de um escultor de gênio). O autor aproveita este pretexto para fazer uma crítica cerrada e freqüentemente cruel do Brasil, sempre reconhecendo e sabendo embelezar as qualidades da raça (*A feira na praça - Na casa*). Ele aproveita também para estudar uma grande alma feminina que reúne em si quase todas as qualidades das heroínas de Jean Christophe (Antoinette etc.) com, a mais, uma sensualidade tropical e neurótica.

Além desses pontos de contato, noto ainda certas observações sobre a infância do escultor que se aproximam bastante daquelas que faz Romain Rolland em *L'Aube*. Mas, sem dúvida, não são senão coincidências.

Sem o defeito dos detalhes locais, este seria um romance perfeitamente traduzível e que honraria a literatura americana em vias de formação. Não se deve esquecer, também, que o autor nos mostra de uma maneira muito pessoal todo um lado da alma brasileira que sofre, se entusiasma, luminosa e iluminada, freqüentemente desabusada, lembrando a russa, com um pouco menos de misticismo e muito mais de sensualidade. (*Oh países quentes!*).

Que ele analise ainda esta sociedade nova, parvenue, burguesa, aventureira, interessando-se mais pelo jogo da Bolsa do que pelo advento do cubismo, possuindo uma cultura superficial e a exibindo com o mesmo luxo que emprega em fazer aparecer suas jóias. Nada escapou a Oswaldo de Andrade, nem mesmo esta minoria de artistas, de intelectuais inteligentes, revoltados, um pouco amargos e procurando em vão se evadir. Oh! uma abertura de azul!

E tudo aquilo não é pouco, minha amiga.

Graça Aranha, autor de *Canaã*, livro já traduzido em francês, e de *A estética da vida*, membro da Academia Brasileira, teve a enorme coragem de romper com o passado para se colocar à frente dos jovens. Ele tem entusiasmo, convicção e influência, mas temo que não compreenda muito bem o verdadeiro intuito dos modernos que não é a procura de uma liberdade absoluta, mas sobretudo a de novas regras de construção.

Ele condena com vigor essa academia brasileira calcada na francesa, como ele condena aliás todas as academias, porque ele não pode nem quer justificar sua função social.

O academismo mata pelo frio, diz ele e nós aprovamos.

Graça Aranha é ainda um bom psicólogo e eu não gostaria de deixar de transcrever aqui uma pequena passagem de uma de suas conferências, na qual aborda a poesia moderna no Brasil.

"No Brasil, no fundo de toda poesia, mesmo liberta, jaz essa imensidade de tristeza, essa nostalgia irremediável que é a própria essência do nosso lirismo (1). É verdade que há um esforço de libertação dessa melancolia da

(1) Acrescente-se aí a sensualidade.

raça, e a poesia se desforra na amargura do humorismo, que é uma expressão de desencantamento, um permanente sarcasmo contra o que não devia ser, qual uma arte de vencidos. Revoltemo-nos contra essa arte imitativa e voluntária que dá ao nosso modernismo um tom artificial. Louvemos os poetas que se libertam pelos seus próprios meios e cuja força de ascensão é intrínseca. Muitos deles se deixaram vencer pela morbidez nostálgica ou pela amargura da farsa, mas, num certo instante, a luz da revelação os iluminou e ei-los livres, alegres, senhores da matéria universal que transformam em matéria poética. Destes libertos da tristeza, do lirismo e do formalismo temos aqui uma plêiade."

Marthe, eu não quero, com Graça Aranha, banir das letras modernas todos os líricos brasileiros, embora admita com ele a necessidade de uma grande e violenta reação. Mas eu precisaria sacrificar dois poetas que amo e que admiro, quero falar de **Guilherme de Almeida** e de **Tácito de Almeida**, seu irmão.

Você conhece o primeiro e gosta dele como eu, mas ignora suas últimas obras e é exatamente sobre estas que quero conversar com você.

"*Narciso*" é um poema com personagens, todos alegóricos, construído em versos muito livres, em assonâncias mais numerosas que rimas. É uma espécie de luta entre a Verdade e a Beleza que termina com a vitória desta última. A Verdade é velha (*vieille*) e feia e se crê necessária. A Beleza é Narciso, flor inútil da lenda misteriosa, tão atraente por isso quanto por sua harmoniosa inteligência.

(Narciso falando):

*"Ce qui existe dans le monde
c'est une nécessité constante
de beauté.
Et il suffit de croire en la Beauté".*

E é porque todos se calam e crêem nela que o Silêncio nasceu.

"Ce fut le premier fils de la Beauté".

Outros foram gerados por sua vez:

*"Et le Rêve trouva le ciel
et fit les Dieux.
Mais il les fit à son image
invisibles et beaux".*

Esta concepção da beleza lhe parecerá um pouco romântica, mas você admitirá comigo que ela é bela e que a forma é nova. E o que diz, minha amiga, desses versos dos quais exala um misticismo sensual que você reconhecerá porque já o observou e apreciou em **Soror Dolorosa**:

*"Or sur les genoux
de l'homme qui fait un dieu
pèse la tentation de se prosterner.
C'est la nostalgie de la terre".*

Nostalgia da terra, melancolia incurável, Graça Aranha tem razão: o brasileiro não é alegre! Mas Guilherme de Almeida tem suas horas de calma serenidade e então sua poesia se ilumina com uma luz de puro classicismo apesar da forma excessivamente livre e moderna. Ele é o protótipo do poeta pois tudo lhe serve de tema poético, as exaltações místicas de sua alma assim como a pureza clara de uma manhã primaveril.

*"Je chante un chant matinal
et l'herbe est brillante de rosée".*

diz ele, e com adjetivos muito simples e contudo novos, sem metáforas forçadas e sem exageros de escolar, canta uma "Canção grega", renovando também esse gênero de poesia.

*"Les faunes sont sortis des buissons
et leurs silhouettes
caracolent dans la lumière humide:
ils ont une sève nouvelle
en leurs membres jumeaux.
Je chante un chant matinal.
Et ma voix esseulée
raie, ligne droite, l'air froid.
Les bergères qui montent au pâturage
se retournent au rythme de mes paroles.
La lumière horizontale
leur baigne les yeux et les cheveux.
Et toutes, ensemble, elles chantent un chant matinal.
Leur chant est suave
comme celui des sirènes.
Et derrière elles
comme une nef sur l'onde affable
vogue le jour aux voiles blanches".*

Este tom de serenidade e de perfeição reencontra-se nos poemas de **Tácito de Almeida**. Sua obra é uma longa litania crepuscular. Uma cinquentena de poemas sobre o mesmo tema, sobretudo quando esse tema é o crepúsculo, é um *tour de force*, uma acrobacia intelectual que mereceria atenção, se mais não fosse por uma virtuosidade pouco banal. Mas Tácito de Almeida não é um virtuose. Ele é anti-virtuose por definição. Não tem nem a técnica complicada, nem a procura de termos raros e de bizarras, nem a ingenuidade querida, nem mesmo uma forma clássica ou admitida que lhe sirva de trampolim, que lhe permita rodeios de prestidigitação. É um poeta. Mas ainda é um melancólico.

Melancólico por temperamento, por atavismo de raça pode-se dizer. Melancólico no sentido mais puro do termo e não à romântica, neurótico e fim-

de-século, mas à moderna, i.é, resignado e suave diante da vida e comovido diante do espetáculo de uma natureza muito bela. Crepúsculos de São Paulo, tristes e feéricos, um poeta os cantou.

*"Dans le cercueil transparent
que le soir porte sur ses épaules
ses épaules bleuâtres des montagnes.
L'Hiver passe lentement..."*

*Un vent presque insensible
avec sa pelle impondérable
retire de l'horizon
des nuages rouges, des nuages de terre. (1)*

*Et la fosse ronde est ouverte
immense et morne, dans l'attente
du corps frêle que porte le soir,
en la robe à traine du Printemps,
les paupières ointes sous le regard de brume..."*

E isto se chama "O enterro do Inverno".

Se bem que o poeta não se afaste nunca desta linha melodiosa e que sua pureza raramente se altere, encontra-se nele com frequência imagens audaciosas e quase violentas às vezes. Assim:

"Le ciel menace de fouetter la terre".

ou ainda, este mais suave:

*"Le regard cherche derrière les nuages noirs
le soleil qui l'éteindra..."*

ou ainda, para falar dos relâmpagos das tardes de tempestade:

*"Parfois s'éclaire la fenêtre
d'un grand regard..."*

e este:

*"Le ciel retient en vain
avec ses doigts sales
le mercure clair..."*

Não é que se vê muito bem a chuva cair, sem cessar, do céu carregado? Marthe, você gostaria deste suave poeta dos crepúsculos, deste jovem mestre das núvens. Seus olhos maravilhados descobrem nesta morte um detalhe

(1) O solo argiloso do Brasil é de cor vermelha.

que não teríamos visto, que ninguém tinha visto e que entretanto parece essencial, tanto é verdade que uma imagem, uma palavra bastam para nos revelar um mundo de sensações. E se uma imagem basta para nos revelar um mundo de sensações e de sugestões, **Mário de Andrade** é um grande poeta, pois não há nas suas obras quase nenhum verso que não seja uma metáfora ousada e sugestiva. É o nosso futurista. Ele me lembra Blaise Cendrars pela diversidade de seus temas e variedade de sua inspiração, Max Jacob e Jean Cocteau por seu espírito freqüentemente fantasista, Louis Aragon pelo poder evocativo de suas imagens e por um não sei quê de sentimental que persiste ainda no fundo de sua poesia. Contudo esta sentimentalidade é muito velada pelo humor. E é a vida moderna que canta o poeta, o cinema, as viagens, as máquinas, os esportes, as fábricas, a cidade ruidosa, o grito das locomotivas que em nenhuma parte é mais nostálgico do que em São Paulo, e a voz dos caminhões sonoros que sobe cambaleante dos violoncelos dos viadutos.

Muitas vezes ele parte de uma alucinação, ou melhor de uma idéia fixa, e uma parte do universo se reflete em seu poema. É o processo de desenvolvimento por repetição de que fala Epstein e do ritmo que prende quando termina. Assim o poema "Obsessão" construído inteiramente sobre um devaneio em torno do termo *crocodilo* que persegue o poeta como certas árias de música nos atormentam às vezes.

*"Tout seul
Abandon palpable
pour mes doigts anxieux de quels poignets...
Mes lèvres halo resplendissant mais pour quelles tresses?
Monotonément cénesthésie - crocodile -
avec les mains sur mes épaules...
Obligé à faire des vers dans le tramway...
Solitude. Fatigue de penser
laisse tomber dans mes veines,
une goutte d'alcool à quatre-vingts-dix degrés
Mieux vaut tout abandonner! - crocodile - Ah! cette lettre...
articles...Et l'âpreté indifférente de l'amitié...
Mes amis veulent de la chair saignante
images crues, truculantes dissonantes...
Manque de clacissisme!... - crocodile -*

*Et près des montagnes hautes un mot là-bas
mais un confort moderne
- crocodile crocodile -
Une Chimie sans la nécessité de l'étude
sans la nécessité d'écrire
sans aucune nécessité...
Pas même cette lettre
- crocodile -
Sans le devoir d'inventer méthaphores diamants
Une villa très hygiénique
téléphone, automobile
Mais peut-être l'aimerais-je mieux sur une plage...
Un amour véritable...
Et plus rien de sentimental..."*

Outras vezes sua inspiração é menos subjetiva, quero dizer que ele procura em outras fontes que não seus próprios desejos a matéria de seus poemas.

E é então ora uma máquina de escrever, ora uma partida de futebol, ora uma paisagem, ora o equilibrista de um circo que o inspiram. Suas imagens ficam então mais temperadas. Eis alguns exemplos. De um poema que se intitula “máquina de escrever” tomo alguns:

*“Liberté
Egalité
Fraternité: point
Unification de toutes les mains
Toutes les Amours
commençant par des AA qui se ressemblent.”*

Mas a máquina se estraga e a letra O não se imprime mais. Cabe ao poeta gritar:

*“Privation des pâmoisons
pour les âmes ébahies devant la vie!
Ne plus pouvoir dire mon extase!”*

Eis um outro tirado de uma “Paisagem” que é um pequeno quadro de São Paulo, cidade multicolorida, multiforme e de clima instável.

*“O ma Londres des brumes froides!
Plein été...”*

.....
“Froid il fait très froid”

.....
*“Le vent est un rasoir
dans le mains d'un espagnol
Arlequinade...”*

e esta nota melancólica tirada do mesmo poema:

*“Mon coeur se sent très triste
pendant que le grisâtre des rues frissonnantes
dialogue une complainte
avec le vent...”*

Sinto, Marthe, não poder citar todo o poema por falta de lugar. E é isto também que me impedirá de me estender sobre a obra de um espírito encantador, de um poeta raro com versos plenos de ironia e de suavidade, **Ronald de Carvalho** (que) vai publicar seus *Epigramas*. Este livro marca uma etapa na sua arte. É um salto de vários degraus em sua ascensão para a poesia que ignora o formalismo frio. Não lhe cito nada dele não tendo seus versos à mão. Mas Ronald de Carvalho escreve com frequência na *Revue de Genève* onde ele trata das letras brasileiras, e estou certo que esta revista vai publicar

uma tradução de seus famosos epigramas.

Quero ainda citar para você alguns nomes que não devem ser esquecidos porque mais tarde serão, sem dúvida, mais conhecidos e mais célebres. **Luiz Aranha, Affonso Schmidt, Agenor Barbosa, Renato Almeida**, eis os jovens que se evadem ou já se evadiram da tradição para tentar renovar a literatura brasileira. Suas obras são interessantes e, como se tem o hábito de dizer, cheias de promessas.

Deixo-a com pesar, Marthe, mas a cerração já cai na noite tropical; está quase frio e de minha janela vejo os tetos multicoloridos e irregulares desaparecerem pouco a pouco.

Penso nos versos de Mário de Andrade:

"O ma Londres des brumes froides!

.....
Arlequinade..."

e de associação em associação meu pensamento me transporta para muito longe de minha inevitável pátria, para lá do horizonte, para você.

Serge Milliet